

GALATÉA EGLOGA.

PRIMEIRA, E SEGUNDA PARTE

POR

ANTONIO JOAQUIM
DE CARVALHO.



LISBOA

NA OFFIC. DE ANTONIO GOMES.

M. DCC. LXXXIX.

*Com licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame,
e Censura dos Livros.*

GALATIEN
ELOGIA

DE REBUS BELGICIS

FOR

ANTONIO TOLOMEI
DE CARYATHO



AD 1611

DE BELGICIS REBUS

DE BELGICIS REBUS
DE BELGICIS REBUS
DE BELGICIS REBUS

AO LEITOR.

ESTA primeira Egloga, há 16 annos impressa, agora faço-a reimprimir para tirar-lhe as lizongueiras Cartas, para emendat-lhe algumas passagens com melhor escolhoz, para curar-lhe alguns vicios gerados por aquelles, que duas vezes a reimprimirão a pezar do meu gosto, e para ligar ambas as Partes, porque a primeira dá a materia para a segunda.

Se me increparem, porque faço domavel o Gigante Polyfemo, contra a opinião dos melhores Poetas, respondo: He verdade, que a Ithula nos mostra este Cyclope hum monstro de crueldade, de extraordinarias forças, e destemido: hum vagador de seis companheiros de Ulysses, e delle mesmo o seria, se astuciozo não lhe fugisse: hum soberbo em fim, que declamava, que nem ao mesmo Jupiter temia; mas pergunto: Este Gigante era humano, ou não? Todos me dirão, que sim. Pois se era humano, era sujeito ao imperio da Razão, com cujas armas o ataco, e o venço: e lo seria inve-

rosimil, se eu com a razaõ accommettesse hum Tigre, hum Leão, huma Serpente. Se os mais não pizáráõ esta estrada, porque não quizeráõ; pizo-a eu, porque quero, e porque posso, sem atropellar a verosimilhaça.

Se altero o caractêr da Eglloga, se me aparto da simplicidade pastoril, se faço inflamar Polyfemo, e respirar vingança; he porque eu não pinto hum da aquelles Pastores do Século de ouro, em que reinava a mansidão, e o soccego de espirito; pintó hum Cyclope, hum Pastor ferino, que abrazado no ciume, e na ira, deu bárbara morte ao mancebo Ácis, lançando-lhe em cima hum penhasco: catástrofe, que eu não pinto, por não fazer huma Eglloga com espirito de Tragedia.

Eu tive a fortuna, de que alguns homems (discretos homems!) dissestem, que não era minha a minha Eglloga Deploratoria intitulada JOZINO na chorada morte do Principe o Senhor D. JOZEL. Eu ferei feliz, se agora tiver a mesma fortuna, porque se elles contrastes duvidarem de ser minha esta obra, boa será ella pela sua avalliçaõ. Esses, que duvidaõ, examinem, busquem, descubraõ o legitimo Author, e o
mos-

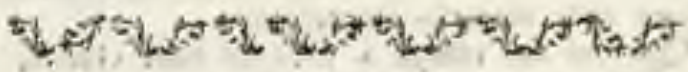
mostrem para gloria sua, e descredito meu. Conheça o mundo o homem virtuozo, o homem raro, que se cançou naquella composição, para renunciar em mim a posse, o lucro, e o credito della. É se eu a furto, onde estás homem roubado, que não acodes ao teu cahedal, sabendo, que em meu poder existe? Denuncia-me; clama justiça contra mim. Ah! Ninguem fala? Ninguem me accusar? Pois accuzo-me eu; mas he da temeridade de emprehender a guerra sem ter armas: de querer lugar na Republica das Letras sem ser Cidadão de Athenas: de fazer Versos sem beber da Callia, sem soccorro das Muzas, sem conhecer Apollo. Os Versos (toscos Versos) que ha trinta annos escrevo, são os denunciadores, as testemunhas, e os Juizes do meu crime. Accuzem-me, como eu me accuzo deste delicto; porém não de roubador, officio infame, que não cabe em almas honradas; mas se os criticos me arguirem pelos pobres, infulsos Versos; devem igualmente attender em minha defesa, que estes se não tem mel, tambem não tem veneno: se não delectão, tambem não ferem. Isto supposto, fação-me justiça.

(7)

GALATÉA EGLOGA.

PRIMEIRA PARTE

INTERLOCUTORES:
POLYFEMO, E LAERINDO.



POLYFEMO.

Ah! Campos, campos meus! Vós, que algum dia
 Me servíeis de amavel companhia:
 Vós, que os ouvidos daveis ao meu canto,
 Pressai-mos hoje, para ouvir meu pranto;
 Se bem, que allás me custa magoar-vos,
 Depois de com meu canto deleitar-vos;
 Mas eu adogarei a vossa mágnã,
 Dando-vos de meus olhos rios de agoã:
 Com ella farecei para os viventes,
 E a custa do meu mel vivei contentes,
 Que eu não vos lograrei, não; nem já agora
 A minha morte pôde ter demora:
 Os Ceus a mandem, que em tormentos fortes
 Humã morte he melhor, que muitas mortes.
 Ah! Campos, se vós fusseis animados,
 E posseddesseis bem os meus cuidados,
 De mim aprenderíeis, que a ventura,
 Ao que nasceo feliz, he, que procura;
 E aquelle, que nasceo já desgruçado,

Sem-

(11)

De ver a bella açãõ, em que ella estava.
 O branco rosto sobre o curço braço,
 Outra mão tambem curva no regaço :
 O corpo reclinado sobre a fonte,
 E a curta sombra, que lhe dava o monte,
 Só metade do rosto lhe cubria,
 Que muito mais formôza inda a fazia.
 Eu, que só me detinha em admirála,
 Semque tivesse intento de acordála;
 Como de gosto estava arrebatado,
 Semque eu sentisse, cahe-me o cajado :
 Di-lhe nos pés : acorda ella assustada,
 Vê-me, levanta-se, e com voz irada
 Me diz : » Vil, só comigo ! Que fazias ?
 » Dize : acaso offender-me pretendias ?
 » Se por gigante intentas de vencer-me,
 » Matar-me poderás ; mas não tender-me :
 » Que a minha honestidade he tão constante,
 » Que não cede á violencia de hom gigante.
 Não, (eu lhe respondi) não te offendia :
 Não de ti outra cousa pretendia,
 Mais do que ao menos, pois te não lograva,
 Ver-te : e só com te ver me contentava.
 Se nisso te offendi, ou me desculpa,
 Ou me castiga, se me achares culpa :
 Que se eu es tua mão for castigado,
 Serei ditozo, se antes deligrado.
 Mas dize-me, cruel, se me estimaste,
 Porque razão tem culpa, me deixaste ?
 E se indigno me achavas para amante,

Mas se elle acha hum rafeiro , que o extingue ,
 Tambem ella achará , quem he m' te vingue :
 E no entanto o melhor he esquecerla ,
 E se passivel for , nunca mais vela .

POLYFEMO.

Tambem , deixar de a ver he impossivel ,
 Porque sem vela , a dor mais insoffivel
 Creio , que dentro n'alma padecesse ,
 Como a flor , que sem Sol murcha ; e não cresce .
 Ah ! Se eu agora a vísse , e lhe falasse ,
 Talvez , que a meus gemidos se abrandasse :

E pôde ser , que a achasse arrependida
 De perder , quem por ella perde a vida .

Oh quão feliz seria a minha sorte ,
 Se ella abrandasse aquelle genio forte !

Do desurezo , e da afronta eu me esquecerá ,
 Se hum riso , se hum final de amor me dera .

Tudo , tudo por ella perderia :
 Sem gado , sem choupana , nem caria :

Sujeitar-me-hia pelos seus amores
 A viver das esmolas dos Pastores :

Pois sem lográla , cádo me he penoso ,
 E logrando-a , sou pobre ; mas ditoso .

LAURINDO.

Se amas com tanto extremo a huma traidora ,
 Que mais fizeras , se fiel te fora ?

POLYFEMO.

Elle alma , que me anima , se pudeste ,
 Creio , que em paga d'elle amor : lha desste .

L A U R I N D O .

Amado-te, era justo premiála;
 Mas desprezando-te, he loucura amála:
 Sim, que o homem não mostra ser discreto,
 Amado a falsa, que tem outro objecto:
 Pois daqui nasce a mancha da deshonra,
 E antes se perca a vida, ão que a honra.
 Que se havia dizer na nosz Aldoa,
 Se depois dessa ingrata Galathea
 Por outro te deixas, tu a buscasles,
 Esquecido d'affronta inda a estimasles?
 E não tremias, não te envergonhas
 De dizerem, que a honra desprezavas?
 Ah! Querias do amor ser arrastado,
 Perdendo a fama, e credito de honrado?
 Dize, responde, a fãla não escondas;
 Mas ou me vence, ou nada me respondas.

P O L Y F E M O .

Nada responderci por defender-me,
 Pois por fãbio chegaste a convencer-me:
 Se a paixão me cubrio de escuridade,
 Tu me mostraste as luzes da verdade:
 Agora já conheço, que essa impia
 Mais fera, que o dragão, que o monte eris,
 Nem amor, nem piedade já merece;
 Pois por outro me deixa; e assim se esquece
 Da fé, que me jurou, e da lealdade,
 Com que sempre a tratei; que a fallidade
 Não podia caber n'um peito amante,
 Que ainda offendido mostra ser constante:

Eu,

Tu, que és ás Pastoras, quando as via,
 Nem ainda, o Céo vos guarde, llic dizia:
 F. se saizo de longe as avizava;
 Por lhas fugir, a estrada rodeava:
 Tudo isto por fineza áquella insme,
 Que, só tao feio nome, he bem, llic chame,
 Porque a saber, que és outras eu fazia,
 Não julgasse, que alguma me agradava;
 Porém que premio vim a tirar d'isto?
 Saber o quer Com todos ser malquillo:
 Desprezarem-me todos, ver-me agora
 Aquí só, sem amigos, nem Pastora;
 E a falta, tanto extremo desprezando,
 Amas outro, e ficas de mim zombando!
 E soffro tal injúria sem vingat-me!
 Poderci socegar sem despicar-me!
 Não, não socegarei, que hum peito trado
 Socega só depois de estar vingado.
 Sim, vou já despicar-me... Mas que intento!
 Que faço! Aonde vou! Que pensamento
 He este, que me occorre! Ó quanto errado!
 Gyra o discurso de paixão crecudo!
 Eu matar Galatée! Ó que vileza!
 Naquella rara imagem da belleza
 Descarregar o golpe penetrante!
 E haviaõ ver meus olhos neste instante
 Aquelle brando peito trespassado!
 O rosto, bem qual Sol quando eclipsado!
 E os olhos, que daquelle Sol são raios,
 Perdiendo a luz na sombra dos desmaios!

Aquel-

Aquellas lindas faces: tão coradas
 E apoderia v'ellas desmaiadas!
 A boca rubicunda, e graciosa,
 Bem qual entre jasmims a linda rosa:
 Tu terra valte; e terra vida,
 Para v'elá sem graça, amortecida!
 E havião festejar-lhe os meus ouvidos
 O pranto, os ais, e os ultimos gemidos:
 Já com tremula voz; e a cada instante,
 V'ela convulsa; afflicta; e delirante,
 Sem alento, sem cor, desfalecida,
 Dando hum suspiro, e acabando a vida!
 Oh Ceos! Que horror concebo em ponderá-lo!
 Tu tremo; g'elo-me; e de dor está-lo:
 Que coração tão bárbaro haveria,
 Que obrasse tão enorme tyrannia?
 Tu teria valor; se a offendesse,
 Para v'ela morrer, sempre eu morresse?
 Não; não; teria tanta impiedade;
 Que vendo exhir morta huma Deidade,
 Não me talusse deste infano peito,
 O duro coração de dor desfeito.
 Nem mais contemplar quero tal delgraca,
 Que parece, que o Leo já me ameaça;
 Que a terra vejo abrir; que já contigo
 Se abate; e o m'ê confunde por castigo.
 Ah! Minha Galat'ea, vive embora,
 Remque me feias infiel; e traidora:
 Ainda te amo, se bem, que o não mereças;
 Eu padeca, mas sem que tu padecas.

(17)

Vive feliz, e logra o teu amante :

Oh justos Céus, que dur tão penetrante !

Mal posso respirar, que até o alento

Mo soffura a violencia do tormento.

Vai-te, amigo, e me deixa só hum pouco,

Que eu não estou em mim, eu estou louco :

Oh! Venha embora a morte rigorôza

Acabar-me esta vida tão penôza.

L A U R I N D O.

Deixa, amigo, esse louco delirio,

Que o ser de homem deslustra, offinde o brio:

E que o Mundo disseste pretendias,

Que por huma mulher enlouquecias?

P O L Y F E M O.

Tambem dirá, que não me altera a offensa,

Pois tolera a inimiga na presença.

L A U R I N D O.

Perdoando-lhe tu por generoso,

Que ha de o Mundo dizer? Que es virtuozo.

Mas se a feaca mulher soupo punias,

Só de cobarde o nome vil terias.

P O L Y F E M O.

Sim, perdoadá está: eu lhe perdou,

Pois da sua fraqueza me condou;

Tambem, porque talvez seja innocente,

Se bem que a culpa a acuze delinquente;

Galatêa he honesta, he recatada:

Pois quem duvida, fosse requerada

D'aquelle Acis traidor, e que a enganasse

Com vsas promessas, para que o amasse?

L A U R I N D O.

L A U R I N D O.

Pentás hem que a mulher de honesto estado,
 Se dá seu coração, sempre he rogado;
 Se hein que o rogo algumas não convence;
 Mas a feia ambição a muitas vence.

P O L Y S E M O.

Sim? Pois hoje verás, que a minha ira
 Só contra aquelle infame se conspira:
 Elle, por me arrancar de amor a palma,
 Me roubou a doce alma da minha alma,
 Vista dos olhos-meus, bem como estrella,
 Que luz me dava, para poder vella.
 Clara luz, doce vida, alma preciosa,
 Tudo perdi. Ó scena lastimosa!
 Tudo o vil me roubou; porém protesto
 Fazer o seu castigo manifesto
 Ao Ceo, á terra, a todos os viventes:
 Elle me offende, as culpas são patentes;
 Pois o proprio delicto he, que o condena,
 A que segando a culpa, sinta a pena.

L A U R I N D O.

Queres que a marce de Acis justifique
 Humna cega paixão, hum vil despique?

P O L Y S E M O.

Quero, porque da invidia não se gave,
 Que o proprio sangue a sua culpa lave:
 E se neste lugar já o apenára,
 O coração do peito lhe arrancara.

L A U R I N D O.

Dize: se a Galatêa perdoaste,

Depois que a culpa enorme lhe provaſte,
O Paſſor, que he talvez menes culpado,
Porque não he, como ella, perdoado?

POLYFEMO.

Ella ſim me offendeo; mas obrigada,
E merece perdão por violentada;
Mas elle não he digno de clemencia,
Pois mais culpado eſtá pela violencia.

LAURINDO.

Aqui não ha violencia, ha certa culpa,
Que Amor condemna, e logo Amor desculpa,
Delicto immensas vezes praticado
Porquem ama, e pretende ſer amado.

POLYFEMO.

Aſſim te obra; mas ſempre he falſidade,
Quando offende as leis ſantas d'amizade.

LAURINDO.

He máo quebrar a Lei; mas que te espanta,
Se ella te jurou fé, e a fé quebranta?
Polyfemo, diſcorre mais prudente;
Vence-te a ti, te queres ſer valente:
Eu teu amigo ſou, eu ſou mais velho,
Tu, que es mais moço, toma o meu conſelho:
No falſo Amor não feças conſiança:
Deſtterra a ira, ſoge da vingança,
Que eſta inquieta, aquella te zombaa:
De qualquer dellas ſempre vem ruina.
Males, que tu não queres ſupportálos,
Não deves para os outros dezejálos,
Que as vezes são, qual pedra deſpedida,

Que no mesmo, que a deita, abre a ferida:
Queres a morte de Aéis? Não panderas,

Que pôde em ti cabir, te nelle a esperas?
Teme o Ceo vingador, teme-lhe a ira:

O Ceo, que a vida dá; tu elle a tira:
So elle sobre as vidas tem dominio,

E não deves oppor-te ao seu desgnio;
Nem ao menos viagar-te levemente

Poderás, seia que siques delinquente.

Clha, que para Jupiter Supremo

Me menos, que hum mosquito, hum Polytemo.

A' voz so do seu raio penetrante

Treme de susto a rocha mais constante.

Foge, fuge de o veres irritado,

É não faças, que a mão levante irado.

Ah! Já mudas de cor, tremas, e pensas?

Pois a ti mesmo, espero, que te ventas.

POLYTEMO.

Treme de confusão, e de nim tremo;

Os castigos do Ceo respeito, e temo;

Mas o affecto, a paixão, a honra, a offensa

Não me deixão acção, em que ou me ventas?

Vejo a justa razão, quero leguila;

Mas a paixão vem logo a destruíla:

Que este meu coração nunca descança

De chamar-me ao caminho da vingança.

LAURINDO.

Qualquer paixão, qualquer impaciencia

Se vence com discurso, e com prudencia.

PÓLIFEMO.

Tão desgraçado sou, que neste capenho
 Nem já discurso, nem presença tenho:
 Quem vjo tão enredado labirinto
 Como este, que na idea, e n'almo sinto!
 Deozes, se justos sãis, ou dei-me a morte,
 Ou me livrai de confusão tão forte:
 Eu se vingat-me ver, me precipito;
 Porque aos Deozes offende o meu delicto:
 Se affento em perdurar, não persevero,
 Porque em vendo o consentir, logo me altero;
 Porém hum novo meio já me occorre:
 Melhor acerta, quem melhor discorre.
 Eu não quero imitar ao Ceo clemente,
 Mas para não vingat-me do insolente,
 Eu fugirei de o ver, que to vejo, logo
 A cinza quente exultaria fogo.
 Deixarei estes montes, e fies prados,
 Que a verdura me davão para os gados:
 Irei viver nas mais occultas breznhas,
 Onde gente não veja, mas só penhas:
 Da vingança, e d'afronta assim me privo,
 E ninguém, sabe se sou morto, ou vivo.

LAURINDO.

Resolves bem, amigo; sim, he justo.
 Fugires do perigo a todo o custo;
 Porque busca a desgraça todo aquelle,
 Que vendo o d'atno, não se aparta d'elle:
 Perca-se a Patria, perca-se a fazenda,
 Perca-se tudo, e mize o Ceo te offenda.

Tu-

Tu sim perdes lavouras, e o serrado;
 Mas o Ceo, que elles bens te havia dado,
 Te darí n'ovos campos mais extensos,
 Donde possas colher frutos immensos:
 Quem perder pelo Ceo, fique esperando,
 Que em vez da perda; ficará lucrando:
 Se a tua choça perdes, caro amigo,
 A minha he grande, vivirás comigo:
 Para a tua lavoura dar-te-hei terra
 Da campina, que tenho, além da serra;
 Dar-te-hei duas palmeiras mui frondozas,
 Donde colhas as tâmaras gostozas:
 Dar-te-hei duas formozas aveleiras,
 'Fôrtaes levas, vigozas oliveiras:
 E do mais fructo, que o Ceo der, pendente
 Repartiremos ambos irmanamente.
 Para o gado lá tens vigozas relva,
 Lá tens para o recreio a linda selva,
 Onde acharás hum bosque mui sombrio,
 De huma parte arvoredo, d'outra hum rio:
 Alli se ouvem os pállaros cantando,
 Alli se escuta o rio murmurando,
 Nelle andão de continuo os pescadores,
 Nelle pescao tambem alguns Pastores
 O saborozo peixe á longa cana,
 Oa com o iscado anzol, que mais o engana:
 Em fim, he campo ameno, he delectavel,
 Fruetivoz a terra, o clima saudavel:
 Lá viverás, amigo, descansado,
 Sem ver a causa do mortal cuidado:

Pois

Pois n'ouella distancia por extensa
 Não vês o efflor, nem vês a offensa.

POLYFEMO.

Difereto amigo, amigo verdadeiro,
 Tu souhe dos humanos o primeiro,
 Que me sabe vencer: eu que algum dia
 Nem a razão, nem Deozes conhecia,
 Hoje a razão abraço, os Deozes temo:
 Tu me fizeste hum novo Polyfemo.

LAURINDO.

Convence-te a razão, porque es humano,
 Que a razão lo não chama zo bruto infano.

POLYFEMO.

Oh grande, oh raro exemplo d'amizade!
 Oh correção gerada de piedade!
 Despido d'ambição, e d'avareza,
 So inclinado á mísera pobreza!
 Deixa, que por mostrar-me agradecido,
 A teus honradas pés chegue abatido;
 E esta boca, por quem ferás leuado,
 Beije o chão duro, dos teus pés tocado.

LAURINDO.

Suspende, Polyfemo, eu não pertendo
 A tua gratidão, antes me offendo,
 De a meus pés te prostrares abatido,
 Acatamento lo su Coo devido.

POLYFEMO.

Oh quanto es digno de leuvar completo,
 Por liberal, humilde, e por discreto!
 Aprenda o avarento ambicioso

A ser mais liberal, mais caridozo :
 O que da farta, e mízera pobreza,
 Foge, como queza foge da vileza,
 Veja, que o rico, o poderoso, o nobre
 Talvez chegue a pedir esmola ao pobre:
 Esse, que as minas abre, e colhe o ouro,
 Julgando a vida ter no seu thezouro,
 Veja, que a vida, e ouro n'um momento
 He como o fumo, que evahce o vento:
 Siga os teus passos o soberbo inchado,
 Que julga, que a ventura tem ao lado:
 Olhe, que a tocca o prosto rio esgota,
 E até com vento o cedro se derrota.
 Longe, longe de nós, ó vicio forte,
 Vicio mais feio, do que a feia morte.

LAURINHO.

Não terão parte em nós vicios danados,
 Nem pizeraõ a flor das nossos praços:
 Que esta láã, que nos cobre, esta pobreza
 Contra o vicio nos serve de defeza.
 Vamos gozar a tanta paz ditóza,
 Vamos colher a fructa laboróza
 Da minha bella Aldéa: vem amigo,
 Que eu não me sumentu, sem que vás comigo.

POLYFEMO.

Vamos; mas ah Laurindo, quem diria,
 Que por huma mulher, por huma impia
 Eu havia deixar a minha Aldéa,
 E ir d'esmolas viver na terra alhéa?
 Oh triste Polyfemo! Oh desgraçado!

De ti deves queitar-te, e não do fado:
 Em mil exemplos o perigo viste,
 Devias fugir d'elle, não fugile?
 Pois agora o teu erro irás pagando,
 E o dazno sem remedio lamentando.
 Teme exemplo de mim, o que ama cego,
 Julgando ter no amor todo o soccego,
 Veja a ninha delganga, e tema o dano,
 Que fannare nullo d'elle amor profano:
 Não prenda a doce, e amavel liberdade,
 Já que o Ceu lhe quix dar livre a vontade:
 Fuja do amor, e guarde esta doutrina,
 Se quizer viver longe da ruina.
 Mas ah! Nem já do amor quero lembrar-te,
 Que he facil outra vez precipitar-me.
 Adeos, ó campos meus, campos amados,
 Que me davais o fructo, e pasto aos gados:
 Já não hei de fazer vossos ouvidas,
 Nem já respondereis aos meus gemidas.
 Adeos, ó rio meu, que me abrigavas,
 Quando ao meu gado tuas aguas davas;
 Mas nego feas, que ella grossa enchente
 A augmenta dos meus olhos a corrente.
 Adeos, placida fonte, onde alguma dia
 Se alegre rias, eu alegre ria:
 No prazer te imitei; mas hoje afflicto
 Só no pranto, que verto, he que te imito.
 Lembra-te, ó fonte, que a cruel Pastora,
 Esta, que sem razão me foi traidora,
 Por ti jurou, que ella agua lhe faltasse,

Se elle de amor a pura se manchasse :
 Agua deves , pois saltou perjura ,
 Por castigo negar-lhe essa agua pura :
 Como elle contra si julga pede ,
 Ou progre'ra aua longe , ou morra' á sede ;
 Mas ah ! Que' d'eyo ! He muita crueldade :
 Não , não lhe negues agua por piedade ,
 Tem della compaixão , dá-lhe desculpa ,
 Bota' fo , que a castigue a propria culpa .
 Adeos , 'n' Prado ameno , as flores bellas
 Eu te roubei para tecer capellas :
 Perdor-me , e talvez que iada melhores ,
 Que á culpa do meu mal terás mais flores ;
 E apague a minha culpa , que te agrava
 Este pranto , que humilhe os pés te lava .
 Adeos . Passos , doces companhias
 Das meus passados , e felizes dias ;
 Porém dias tão breves , quanto he breve
 No lucto a calma , no Vento a neve :
 Se a meu canto apiedastés algum dia ,
 No tempo da ventura , e d' alegria ,
 Moje do meu desgosto , e do meu dano
 Poucis luctar mais util desengano ,
 Vendo , por' breve ser minha ventura ,
 Quanto a gloria do Mundo pouco dura :
 Que apenas nas faz ver hum fello gosto ,
 Logo atrás della vem maior desgosto .
 Adeos , ó Galatée ; mas que digo !
 Cuidai , que tinhas inda o nome antigo ,
 Mas não deves ter' já nome de humana ,

Sendo Leão feroz, víbora insana :
 Fica-te embora em paz, e só te peço
 De mim t' esqueças, que eu de ti m' esqueço
 Sim, farei, que não tornes a lembrar-me
 Para querer-te; nem para vingar-me :
 E poderemos lá ficar lembrados
 Do exemplo, com que fomos doutrinados ;
 Mas vê, quanto differem as doutrinas,
 A que eu te dei, daquella, que me ensinas :
 Eu te ensinei a ser fiel, constante,
 Tu me ensinaste a ser falso, inconstante ;
 Mas nunca me seguiste a lealdade,
 Nem eu souhe seguir-te a salúdede ;
 Porém esta doutrina, inda que inutil,
 Estimo-a, porque em parte me foi util :
 Se até aqui das Pastoras não fugia,
 Porque a sua traicão não conhecia,
 Já dellas fugirei desenganado,
 Como quem foge do animal danado :
 Longe, longe de mim impias tyrannas,
 Ide viver com feras deshumanas :
 Em fim, parto a morrer : Adeos, Pastora,
 Adeos, Impia : Adeos, falsa : Adeos, traidora.

(29)

S O N E T O.

N Ove exemplo aqui tens, mízero humano,
Que incendas os Altares da vaidade,
Aqui te mostra a estrada da verdade,
Por onde ao Templo vás do defengano:

De Polyfemo o lamentavel dano,
De Galatée a horrenda falsidade
Te excitam a fugir da emulação,
Que he premio certo d'elle amor tyrano:

Elle contome os bens, a honra offende,
O torcego perturba, arrisca a vida,
E o coração mais livre assalta, e rende:

Ah! Destroc esta mão fera, homicida,
Rompe es duros grilhões, com que te prende,
Quebra-lhe as fercas, ficará vencida.

INDEX

The following is a list of the names of the persons who have been named in the various reports of the Board of Directors of the Company, together with the dates of their appointment and the dates of their resignation or termination of office.

The names of the persons who have been named in the various reports of the Board of Directors of the Company, together with the dates of their appointment and the dates of their resignation or termination of office, are as follows:

The names of the persons who have been named in the various reports of the Board of Directors of the Company, together with the dates of their appointment and the dates of their resignation or termination of office, are as follows:

The names of the persons who have been named in the various reports of the Board of Directors of the Company, together with the dates of their appointment and the dates of their resignation or termination of office, are as follows:

GALATÉA
EGLOGA.

SEGUNDA PARTE.
DO MESMO AUTHOR.

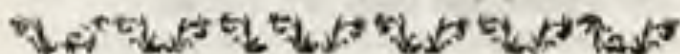
INTERLOCUTORES.
GALATEA, LAURINDO, ACIS.

GALATHEA
EGLONGA

REVISED EDITION
BY MRS. MARY ALLEN
LITTLE, BROWN AND COMPANY
BOSTON, U.S.A.

GALATÉA

EGLOGA.



- A** BELLA, incomparavel Galatés,
 A Niufa tutellar, gloria d'Aldea
 O feu Acis perdido busca afflicta:
 Corre, examina, geme, chora, e grita:
 » Acis! Acis! Meu bem! Onde te escondes?
 » Eu touca de chamar-te, e não respondes?
 » Se nas margens do rio por ti clamo,
 » Muis loge o rio, quanto mais te chamo.
 » Se á fonte vou teu nome repetindo,
 » Jella vai murmurando, e vai-se rindo.
 » Se elle monta de me ouvir magoado,
 » Se eu te chamo, eile chama, e eu calado!
 » Ah meu Acis! meu bem, se inda tens vida,
 » Soccorra esta, que he tua, affáz perdida.
 » E se aos campos Blyzios já partiste,
 » Lá verás breve a Galatés triste.
 » A ti me ha de ligar a morte crua;
 » Pois tu es a minha alma: eu alma tua.

L A U.

L A U R I N D O.

Que vozes, ternos vozes não sentidas,
Os montes terem de afflicção nascidas!

G A L A T E A.

Ah Pastores, que alegres, divertidos
Cantais ao triste som dos meus gemidos!
Se esse pranto vos move á Caridade,
Deparai-me o meu Acis, por piedade.

L A U R I N D O.

A voz he de mulher, que ao longe grita.
Queaí poderu valei á triste afflicta!
Os duros éccos, que esse valle atroaço,
Se não me engano, desta eucosta suão.
Lu vou por este pedregazo atalho
Ver, se encontro, quem he, ver se lhe valho.

G A L A T E A.

Ah! Ninguém já responde aos meus clamores?
Já não acho piedade nos Pastores?
Mizera Galatée! A que chegaste,
Depuis que amor no coração geraste!
Mas ah! Se não me engana a mata espessa,
Hum homem para mim o palla apressa!
He Pastor: quem será? Não vejo tanto,
Pois me escurece a vista o grosso pranto.
Será o meu hom' Acis? Se elle fóra,
Humna noya alma eu concebera agora.
Acis! Acis! Es tu? Responde, fala:
Ou não he elle, ou não me estima, e cala.

L A U R I N D O.

He Pastora; e se não me engana a idea

Pe-

Pelo gentil semblante he Galatéea.

GALATÉA.

Ah! Já veio: já estou deitenguada,
Que o meu Aéis não he. Ó desgraçada!

LAURINDO.

Galatca, que tens? Tu, que algum dia
Semcavas os campos de alegria,
Hoje com pranto, e vozes, que enternecem
Murchas as plantas, que ao teu rizo crecem!

GALATÉA.

Feliz foi esse tempo; porém hoje
De mim (qual rez ferida) o prazer foge.
Mas dize-me, Laurindo, acabo viste
O meu Aéis, por quem suspiro triste?

LAURINDO.

Ha dias, que o não vi; mas que motivo
Banha o teu lindó rosto em pranto activo?

GALATÉA.

Ea te mostro a origem, que ao mostrála,
No triste peito o coração me estála.
Ha tres dias O' dias de amargura,
Mais negras para mim, que a noite escura!
Quando o Sol hia ver outro Orizonte,
Deixando triste o rio, o valle, o monte:
Meta do fuzo na réca, o gado chamo:
Para o pobre curral: vem ao reclamo:
Conco as cabeças, falta-me a Ovelhinha,
Que eu estimava mais, que as mais, que eu tinha,
Por brincadora, espreta, e taõ malhada,
Que parecia com pincel pintada.

Tinha-me tanto amor, que se eu gemia,
 Ella entãõ nem brincava, nem comia.
 Mas se me via alegre, ou se eu cantava,
 Ella ao meu lado de prazer saltava.
 Eu afflicto a busquei te junto ao Tejo;
 Quando na margem o meu ãcis vejo.
 Corre a ver-me, e no riso amor explicito;
 Porém vendo-me afflicto, afflicto fica.
 Pergunta-me a razão: conto o successo,
 E que procure a minha vez lhe passo.
 Elle me diz entãõ com vozes ternas,
 Vozes, que cha alma ha de guardar eternas.
 » Ah! Não cuores, meu bem, minha alegria,
 » E os cujos olhos brilha a luz do dia:
 » Se os encobres com pranto, e mágoa enorme,
 » Queres, que n dia em noite se transforme?
 » Fugio-te a tua Ovelha: eu ta procuro;
 » E por teus lindos olhos eu te juro,
 » Que se ella viva está, e eu souber della;
 » Inda que arrisque a vida, hei de trazê-la;
 » Mas se baldado for o meu empenho,
 » Das minhas escolhe huma, eu quantas tenho.
 E com tão terno amor me encheuz o rosto,
 Que me leva metade do desgosto.
 Quiz partir: dava hum passo: entãõ parava,
 Como que em mim seu coração deixava.
 Partio; e a cada passo... (ó que retiro!)
 Voltava para mim, dava hum suspiro;
 Que o coração presago lhe dizia,
 Que era a ultima vez, em que me via.

E bem se verifica (ó Ceos! Conforta!)

Que não me ha de ver mais, porque he já morto.

L A U R I N D O.

Acis morto! Que dizes Galathea?

Isto he certo, ou te engana a falsa idea?

G A L A T H E A.

Eu te exponho a razão, em que me fundo.

Quem vio (O' Deozes) scena igual no Mundo!

Acis partito: passaram-se dois dias,

Dias de mágoas, noites de agonias;

Em cada instante, que elle me tardava,

Mil desgraças a idea me pintava.

Porém hoje no valle d'azulheira,

Junto á ponte da placida ribeira;

Debaixo de hum cipreste levantado,

Copia de mim, eu vigiava o gado;

Se bem, que pouco vigiar podia,

Queo de chorar já quasi nada via.

Cançada de luctar com meu tormento,

Meu unico, amargozo mantimento,

A affligida cabeça ao tronco encosto,

E sobre a barra mão inclino o rosto.

O founho, que ha dois dias meu não era;

Veio piedoso, que antes não viera!

Pois me fez ver em sonho... O' que desgraça!

A cauza desta dor, que me transpassa.

Eu vi... triste vizão! Que almas da terra;

Por hum dos regos da larrada terra,

Hia o meu Acis triste, suspirando

Com prompta vista a minha tez buscando;

Out

Outras vezes, olhando para a Aldea,
 Chama sauloso: « Ah minha Galathea!
 Quando de entre hum pinhal... de o dizer temo!
 Sabe o bárbaro, o monstro Polytemo.
 Toma-lhe o passo, e n'um trilhado estreito
 Com dardo agudo lhe traspassa o peito:
 Clamando: « Morra, vil, morre, inimigo,
 » Que não mereces mais cruel castigo.
 » Chama agora o teu bem, chama a fugida,
 » Grita por ella, que te torne a vida.
 A' violencia do golpe, o desgraçado
 Salta do peito atirado hum ar magado.
 Trémulo, curvo, com a mão convulsa
 O peito aperta, donde o sangue pulsa:
 Quer suster-se, não pode, a força falta:
 A mão inerte do peito, o sangue salta:
 Vai vergando, e cahindo: hum tronco agarra:
 Este se quebra, o fraco pé lhe esbarra:
 E sobre hum mar de sangue da ferida
 Cabe exhalando a preciosa vida.
 Com vista incerta, os olhos vidraentos,
 Trémula a voz, sem cor, já sem alentos,
 Exclama, em fim, nas mãos da morte feia:
 « Valzi-me, Ceos, adcos ó Galathea.
 E soltando hum suspiro, os olhos ferra:
 Ferindo as plantas, rugoando a terra.
 O' Deozes! Inida incerta esta desgraça;
 He qual sapão, que o peito me traspassa;
 E se he certa, mudai, que a dura morte
 Sobre mim venha, e descarregue o corte!

Marrea A'eis por mim, por elle cu mirra:
Qual do seu, do meu peito o sangue cerra.

L A U R I N D O.

Mísera Gelatée, enxada o pranto,
Que ham sonho falso não provoca a tento.

G A L A T E A.

Este sonho, a demora, e Polyfemo,
Tudo me affusta, e a desgraça temo.

L A U R I N D O.

O sonho intimidar-te não devia
Por ser falsa illuzão da fantasia.
Do Pastor a demora, que te affusta,
Tambem pôde nascer de causa justa.
Se temes Polyfemo, o sulho affusta:
Comigo vive: eu nunca o deixo, e basta.
E dêa de que o damci por teu respeito,
Tudo, que eu mando, que eile faça, he feito.
Piza, piza a teus pes esta agonia:
Faze, qué a fonte com teu sizo ria.

G A L A T E A.

Tu destroes em parte o meu desgosto;
Mas não consegues ver-me enxuto o rosto:
Não: fazer, que esta setta não me tira,
Só pôle o meu Pastor. Ah! Quem o vira!
So podem os seus olhos engraçados
Dar vista aos meus já cegos, e cansados.
Mas temendo o rancor de Polyfemo,
As proprias sombras destas plantas temo.

L A U R I N D O.

Do triste Polyfemo o rancor deixa:

Tu

Tu fosse a cauza, e fo deti te queixa.

GALATEA.

A cauza fui! Eu sou sera impellido,
Que fizesse aquella alma inveniuda?

LAURINDO.

A cauza foste, sim, porque o amaste,
E por A'cis, teu culpe, o desprezaste.

GALATEA.

Pelos Deozes do Olympo Soberano
Juro, que nunca amei tal monstro insano.

LAURINDO.

Pois se he certo, que amor não lhe tiveste,
Porque falsas promettas lhe fizeste?

GALATEA.

Porque assim o meu A'cis defendia
Da vingança, que o vil lhe promettia.

LAURINDO.

Ah! Pois quiz com violencia... (que loucura!)
Cietar amor, que nasce da ternura!

GALATEA.

Sim, com rigor queixa, que o amaste,
E que o meu peito no meu Pastor fechasse.

Clamando izdo assim: » Cruel Pastora,
» Tu desprezas soberba, a quem te adora?

» Es toda do teu A'cis? Pois discorre,
» Que ou tu has de ser minha, ou A'cis morre.

» Dize, resolve já, ou vou metálo;
» E o coração aos olhos teus mostrálo.

Fu ante o monstro vil de crueldade,
Que não cede á razão, nem á piedade,

Ro-

Rogo-lhe compaixão: não se entenece:

Choro humilde a seus pés: mais se embravece.

Eu delirava neste lance forte

De dar ao triste a vida, ou dar-lhe a morte.

Acis morrer por mim, sendo inovente!

Não, por livrá-lo fiz-me delinquente.

Com o Tyranno uzei de ideas novas

Para dar-lhe de amor frigidias provas;

Mas o meu firme peito era impossível,

Que abrisse a porta d'quelle bruto horrivel.

Se nisto te aggravei, Acis desculpa;

Se eu delinquente fui, foi tua a culpa.

L A U R I N D O.

Não chores, virtuozza Galactea:

De ti fazia mui diversa idea;

Bem que eu não figo as linguas venenozas,

Que as mulheres so tratão de aleivozas:

Sei, que muitas o são, sim, não duvido,

Pelos cazos, que vejo, e tenho ouvido;

Mas contem-se as traizões d'ellas, e d'elles,

Se zchacem nellas mil, ha dós mil nellas.

Tu, exemplar Pastora, mostrar queres,

Que es a gloria, o modelo das mulheres:

Que os falsos homens podes doutrinalos;

E com teu mesmo exemplo envergonhálos.

Vai-te em paz, vai guardar teu manso gado:

Do teu Acis feliz da-me o cuidado,

Que eu jeci procurá-lo: em mim confia,

Que hei de tornar-te a noite em claro dia.

GALATEA.

Ah piedoso Laurindo! Se tal fazes,
A hum corpo morto nova vida trazes.

ACIS.

Que triste vejo a Serra, o valle, o monte!
O rio pálsma, corre turva a fonte.

Sim, sem a minha amavel! Galathea

A clara luz do sol he triste, e feia.

Mas onde te acharei, gentil Pastora,

Para çismar então: Já vejo a Aurora!

Aves, torneis o canto em agonia

Porque vos falta a Melra d'armonia?

O Ceo com ella adote o meu tormento,

Tereis nova lição, e eu novo alento,

Mas ah! Que vejo! Que gentil Pastora!

Parece Galathea! Ó feliz hora!

Não, não me enganás, lizongeira illea.

N'alteza... em trage... em gesto... he Galathea,

Que está banhando em pranto o lindo rosto:

Eu sorrio, eu vou tomar-lhe a mágoa em gosio.

GALATEA.

Acis, se es vivo, sorte igual não tive.

ACIS.

Inda o teu Acis dos teus olhos vive:

GALATEA.

Ah! Que vejo! Acis! Ceos! Será mentira?

ACIS.

He verdade; o teu Acis sou: respira.

GALATEA.

O' Providentes Ceos! Deozes Clementes,

Que

(43)

Que assim curais as chagas dos viventes!

ACIS.

Tu choras! He de gozo, ou de agonia?

GALATEA.

Chorei de mágoa, agora de alegria.

ACIS.

Tu choravas por mim! Mereço eu tanto?

GALATEA.

Vê bem o estrago, que em mim fez o pranto.
Estes olhos, que tu chamavas beilos,
Hoje mugados fugitivos de velos.

ACIS.

Assim mesmo são dois lindas diamantes,
Que inda eclipsados, sempre são brilhantes.
Mas dize, Galatêa, que motivo
Acendeo esse fogo tão selvagem?

GALATEA.

A ausencia de tres dias (longos dias!)
De lagrimas, de sustos, de agonias;
É mais que tudo hum sonho feio, horrivel,
Que n' não me dar-me, não parece crível:
Sonho cruel, que me pinçou na idéa
A desgraça maior, scena a mais fea:
Que o monstro Polytomo te arrancára
A amavel vida, que era vida ampara.

ACIS.

E crédito lhe dête, sendo esperta?

GALATEA.

Sim, que a má nova quasi sempre he certa.

L A U R I N D O.

Se eu não corro a tirá-la da vareta,
 N'algun despenhadeiro achava a queda.

[G A L A T E A.

Laurindo nos meus males tomou parte;
 E até por compaixão quiz ir buscar-te

A C I S.

Bom amigo, e bom Mestre, as tuas doutrinas
 Tu com virtuozzo exemplo nos ensinas:
 Tu semeas os campos de equidade,
 Nós colhemos os frutos da piedade.

L A U R I N D O.

Huns para os outros ser-mos bons devemos:
 Todos fomos irmãos: de hum Paí nascemos:
 Se hum errar, deve o outro encaminhá-lo:
 Se hum cair, deve o outro levantá-lo.

G A L A T E A.

Perdoa, que eu atalhe o teu conselho,
 Proprio de hum Sabio, Virtuozzo, e velho.
 Dize, meu Ácis, dize, por clemencia,
 Qual foi a cauza de tão longa ausencia?

A C I S.

Foste tu: foi o amor, e foi o compenho
 De tirar-te a Ovelhinha, a qual já tenho:
 Ao casal ra levei; mas sem achar-te;
 Pois viste a buscar-me, eu vim buscar-te.

G A L A T E A.

Achaste a minha Ovelha! Ah! Onde estava?
 Bem que eu por ti nem della me lembrava.

Vizinhos campos, as distantes terras,
 Amenos valles, escabrosas terras,
 Tuas corti, examiuci xoupinas,
 Pobres Aldeas, rusticas cabanas.
 Perguntei aos campinos, Lavradores:
 Rebanhas espreitei: bulco aos pastores:
 Todos dizem: » Não vimos, não sabemos:
 » Nem leve rosto dessa Ovelha temos.
 Eu de perdê-la já desenganado,
 De mágoa afflicto, de buscar cansado,
 Voltar queria a ver teu lindo rosto,
 Mas dava gosto a mim, e ati desgosto:
 Eu a dar da saudade em mim curava;
 Mas na má nova nova dor te dava.
 Nisto pensava triste, e vacilante,
 Quando escuto berrar pouco distante:
 Parto, gyro, procuro; em vão procuro;
 Pois nada vejo: vejo hum bosque escuro,
 Que o sol fuzmoza nunca vio por dentro:
 Corro, o bosque examino; e la no centro
 Vejo hum pobre roupeiro esfrangalhado,
 Dormindo; e a Ovelhinha preza ao lado.
 Eu, que a vejo, e conheço, ó que alegria
 Eu teu obsequio a minha alma euchia!
 Com lentos passos vou mui manso andando,
 O sussurro das plantas receando,
 Se bem que o vento amigo me valia;
 Pois nem das folhas o brincar se ouvia.
 Chego ao ladrão: observe, que em soccega

Dor-

Dorme roncando : na Ovelhinha pegu :
 Sobre os hombros a ponho, e vim fugindo,
 Do furto alegre, de alegria rindo.
 Trepando hum deserta ribanceira,
 Oigo hum grito, olho atrás, vejo á carreira
 Seguindo-me a gritar o vil roupeiro :
 « O ladrão ! Larga a Ovelha ! O ratoncisco !
 Eu, que vejo o meu crédito infamado,
 Fôro, e com ira mostro-lhe o cajado.
 Prudente parto ; segue-me as pizadas :
 Torço a vareta, corre-me ás pedradas :
 Delas me afasto ; e per final projecto
 Na leve funda grossa pedra meto.
 Agito a funda : corro então mais perto :
 Desparo a pedra, no vil peito acerto.
 Fica o ladrão sem tino : quer suste-se :
 Não péde : cahe : forceja para erguer-se :
 Outra vez cahe de costas : vai rolando :
 Pega-se ás pedras ; mas em vão pegando,
 Que as mesmas pedras, em que busca abrigo
 Rôlão sobre elle por maior castigo ;
 E despechado affun pela bauceira
 Vai té parar na margem da ribeira.

GALATEIA.

Ah ! Que dizes ! Mafaste o desgraçado ?

ACIS.

Não ficou morto, não, mas maltratado.
 Eu vi... com quanta dor o estive vendo !
 Cabio morto ! ; depois se ergueo gemendo.
 Olhou-me então com iras, e ameaças ;

E tremulo-partio com lentos passos.

GALATEIA.

Tu, que es no coração mauo cordeiro.
Hoje tornado em lobo carniceiro!

ACIS.

Eu cordeiro não fui; porém se o fora
Tomar-me em lobo foi preciso agora.

LAURINDO.

Castiga-nos o Ceo, se nos vingamos;
Mas tambem quer, que a vida defendamos.

ACIS.

Se mais piedade do ladrão eu tinha,
Nem eu era já teu, nem tu já minha.

GALATEIA.

Se a amavel vida o ímpio te roubava;
N'uma só morte duas mortes dava.

ACIS.

Esses extremos no meu peito os guarda
Para atear de amor o fogo, em que ardo.

Vamos, vamos, formosa Galateia,
Alegar com teu rosto a triste Alceia:

A Alceia, que por ti chorava agora,
Qual bom Filho, que a Mãe perdida chora.

GALATEIA.

Chora a Patria por mim? Quanta amizade
Devo aos bons, que se nutrem da piedade!

LAURINDO.

Es bella, e inda mais bella por virtuoza;
Que a Virtude inda a seia faz formoza.

Porém vê, que a Virtude cultivada,

Cresce

Cresce , bem como a planta , que he regada ;
Mas se falta a cultura , vai murchando ;

E qual planta sem agua vai secando.

Hide : abençoção do Ceo sobre vós deitça ;

Aos vossos olhos branda relva creisça ;

E nella apascenteis grossas manadas

De prelhos Vaccas gordas , e malhadas.

Tantiss as cabras , tantos os cordeiros ,

Que enchão os valles , enchião os osteiros.

Hide , que he longe a Aldear : hide , que he tarde :

O Ceo vos abençoe , o Ceo vos guarde.

Abençoção gere em vos dois bons' Espovos ,

Que frutos den ao Ceo , frutos ditozos.

ACIS.

Adaos , meu bom Pastor , meu caro amigo ,

Gloria dos campos , deste pivo abrigo.

GALATEA.

Essa bençoção do Ceo , que em nós dezejas ,

Subre tudo , que he teu , sobre ti vejas.

Acis , vamos aqui pelo serrado ,

Que he mais pereco , he mais doce , e he povosdo.

ACIS.

Vamos costando por entre estas faias :

Dá cá a mão : falta o rego : olha , não caias.

Tu saltas mais , do que eu : es bemligeira !

GALATEA.

Se eu quizer não me apaschas na carreira.

Que farão hoje ao ver-me de contentes

As amigas , vizinhos , e os parentes ,

Que ao verem-me regar so , sem conforto

Jul-

Julgar-me-hão morta, por julgar-te morto?

A' C I S.

Se o bem nos foge, atca-se o desgosto:
 Torus o bem, morre o mal, renasce o gosto.
 Tu verás eas pastoras desgrenhadas,
 Olhos feridos, fizes desmaiadas.
 E ao ver-te, o riso, e pranto misturando,
 Humas ás outras com prazer chamando:
 Todas para te verem correm, voão:
 Vivas, applauzos pelos ares soão.
 Humas te heija a face alva, e rozada,
 Que a faz com pranto seu roza orvalhada.
 Outra te enfeita as tranças graciozas
 De myrto, e cravos, de jasmims, e rozas.
 Verás, que ao som das Lyras vem cantar-te
 A mágoa de perder-te, o bem de achar-te.
 Verás, como os chorozos innocentes,
 Quando te virem, brincarão contentes.
 Verás a fonte, que turbada a vejo,
 Correr alegre a dar a nova ao Teju.
 Verás o Teju, que sem ti bramia,
 Quão plávido vem, ver-te á praia fria.
 Verás o Malho, o Rouxinol suave
 Convertendo a tristeza em canto grave.
 Verás saltando os teus Cabritinhos
 Alegrem os trilles Cordeirinhos;
 Verás curvar-se o tronco a dar-te as frutas,
 Correr o rio, vir trazer-te as Trutas.
 Hoje farás feliz; farás contente
 A Aldéa, o rio, a fonte, o gado, a gente.

G A

GALATEA.

Feliz me fazes tu: viver me fazes:

Aos meus bons dias novos dias trazes

Como posso eu fazer a algum ditoso,

Quando só por ser teu, sou venturoso?

Sem ti ralhos sou, humilde, e pobre:

Contigo sabio sou, sou rico, e Nobre.

GALATEA.

Dêmos graças a Amor: Amor cantemos,

Que assim nos dêe a Santa paz, que temos.

ACIS.

Sim, cantemos Amor: a voz levanta,

A voz sonora, com que Amor encanta.

GALATEA.

Amor me fez guerra:

Lutámos, venceu-me:

O peito rompeo-me

Para Acis entrar.

Taes laços, taes fectas

Devemos beijar.

ACIS.

Amor nos teus olhos

Feriu doce flecta:

Feriu-me: essa brexa

Tu sabes curar.

Taes laços, taes fectas

Devemos beijar.

GALATEA

Ao ver-me ferida,
Prunzeito afastei-me,
Depois alegrei-me,
Amor fui sentir.
Tacs laços, tacs settas
Devemos beijar.

ACIS.

Eu pude da setta
Salvar o meu peito,
Não quiz: puz-me a geito,
Deixei-a entrar.
Tacs laços, tacs settas
Devemos beijar.

GALATEA

Depois de ferir-me
Mostrou-me as algemas;
E diz-me: « Não temas
» Quando eu tas lançar.
Tacs laços, tacs settas
Devemos beijar.

ACIS.

Ferir-me, prender-me
Não era preciso,
Bastava hum teu riso;
Hum teu grande olhar.

Tacs

Taes laços, taes feitas
Devenos beijar.

GALATEA.

Amor, abre as azas:
Vein, prende estes braços,
Que os teus doces laços
Não hei de quebrar.

Taes laços, taes feitas
Devenos beijar.

A C I S.

Sou prezo' por gesto,
Por honra estivo:
Por prezo he, que vivo,
Qual peixe' no mar.

Tues laços, taes feitas
Devenos beijar.

GALATEA.

Amor, chama as Gráças,
E o Santo Hyimencó,
Que venhão do Ceo
Meu laço' apertar.

Taes laços, taes feitas
Devenos beijar.

A C I S.

Tu chamas as Gráças?
Não clames por ellas?

Pois Graças mais bellas
Em ti venho achar.

Taes laços , taes festas
Devemos beijar.

GALATEA

Basta : cançãda vou : mais não cantemos :

Lugò melhor n'Aldea cantaremos.

ACIS.

Pois vai tu pela encosta d'esse monte ,

Que a Lyra vou buscar : la fizo á fonte.

GALATEA

Não te demores lá , minha alegria.

ACIS.

Já volto a ver-te , minha luz do dia.

GALATEA

Levas-me a vída , a joia mais perfeita.

ACIS.

Em penhor nella vida esta alma aceita.

GALATEA

Em penhor ! Queres pois , que a restitua ?

ACIS.

Não , se esta vida he minha , esta alma he tua.

F I M

*Esta obra vende-se na loja da Gazeta; na de papel
de José Antonio de Souza, á Boa-hora; na de
Lisbongus de Francisco Manoel, no fim da rua do
Passo publica; e nas das Livreiros José Gomes,
á Patriarcal queimada; Luis José de Carvalho,
defronte dos Paulistas; Manoel Felis da Silva, na
Pauçulha.*

